

Dessencializando o anarca-feminismo: Lições do movimento transfeminista

J. Rogue

Tradução:
Coletivo Autonomia e Trans/versalidade (@cat.usp) &
Quilombo Invisível (@quilombo_invisivel)

O transfeminismo se desenvolveu a partir de uma crítica do feminismo mainstream e do feminismo radical. O movimento feminista tem um histórico de hierarquias internas. Há muitos exemplos de mulheres não-brancas, mulheres da classe trabalhadora, lésbicas e outras se manifestando contra a tendência do movimento das mulheres dominado por mulheres brancas e prósperas de silenciá-las e ignorar as suas necessidades.

Mas geralmente, ao invés de lidar com as questões levantadas por essas vozes marginalizadas, o movimento feminista mainstream priorizou a luta por direitos primariamente no interesse de mulheres brancas e privilegiadas. Enquanto o movimento feminista de maneira geral não resolveu essas tendências hierárquicas, vários grupos continuaram a se manifestar sobre a sua marginalização - especialmente mulheres trans. O processo de desenvolver uma compreensão mais ampla de sistemas de opressão é essencial para desenvolver a teoria do anarca-feminismo. Mas primeiro, nós podemos olhar rapidamente para o desenvolvimento do feminismo - especialmente durante o que por vezes é referido como sua "Segunda Onda".

Geralmente, as narrativas históricas do feminismo que sugerem que nós podemos pensar no feminismo em termos de "ondas" aponta para a Segunda Onda como um período turbulento de visões competindo entre elas. Eu usarei essa perspectiva aqui embora eu reconheça que essa narrativa é problemática de várias maneiras, especialmente por ser demasiado focada no mundo ocidental e nos Estados Unidos em particular. Também quero ressaltar que¹ eu sou estadunidense e esse é o contexto onde eu vivo e me organizo. Essa

narrativa particular é útil aqui para apontar algumas tendências mais abrangentes no feminismo - especialmente por aqui.

Aqui eu quero reconhecer que esse processo envolve algumas das exclusões que eu estou criticando nesse capítulo. Também quero reconhecer que essa é uma história que tem o propósito de distinguir algumas divisões necessárias e importantes, mas qualquer categorização pode ter os seus problemas (e como poderia o transfeminismo deixar de reconhecer esse problema?). Já foram elaboradas teorias do feminismo liberal, radical, marxista e feminista que não se encaixam nessa narrativa particular. Apesar disso, eu acho ela útil para descrever passados e presentes teóricos para esboçar um futuro feminista e anarquista radicalmente diferente.

Entre o final dos anos 60 e o começo dos anos 80, novas formas de feminismo começaram a emergir. Muitas feministas pareceram gravitar em torno de quatro teorias competindo entre elas com explicações muito diferentes sobre a opressão das mulheres, e essas teorias têm consequências para as práticas feministas de inclusão e exclusão. Como as suas predecessoras histórias da "Primeira Onda" que estavam primariamente ocupadas com direitos como o direito ao voto, feministas liberais não viam necessidade de uma ruptura revolucionária com a sociedade existente.

Ao invés disso, o seu foco foi quebrar o "teto de vidro", colocando mais mulheres em posições de poder político e econômico. Feministas liberais assumiram que os arranjos institucionais existentes não têm problemas fundamentais. O seu foco foi acomodar a igualdade das mulheres sob o capitalismo.

Outra teoria, às vezes chamada de feminismo radical, argumentou pela necessidade de abandonar a "esquerda masculina"¹, que era em sua percepção totalmente reducionista. De fato, muitas mulheres que saíram dos movimentos anti-guerra e por direitos civis reclamaram do machismo constante desses movimentos porque elas foram relegadas a tarefas de secretariado e sofreram pressão sexual de líderes homens além de se sentirem alienadas de forma geral da política esquerdista. De acordo com muitas feministas radicais da época, isso se deu primariamente pela primazia do sistema do patriarcado - a dominação sistemática e institucionalizada das mulheres pelos homens. Para essas feministas, a batalha contra o patriarcado é a luta central para a criação de uma sociedade livre, pois o gênero seria a

hierarquia mais antiga e consolidada.² Isso tornou uma "sororidade" estritamente delimitada algo importante para a sua política.

Feministas marxistas, por outro lado, tendiam a localizar a opressão das mulheres primariamente na esfera econômica. A luta contra o capitalismo foi entendida como a luta "primária", já que "a história de todas as sociedades existentes é a história da luta de classes". Além do mais, feministas marxistas tendiam a acreditar que a "base" da sociedade tem um efeito determinante sobre suas "superestruturas" culturais. Assim, a única maneira entre atingir igualdade entre homens e mulheres seria esmagar o capitalismo - como novos arranjos econômicos igualitários contribuíram para a ascensão de superestruturas igualitárias. Assim seria a natureza determinante da base econômica.

Esse argumento foi elaborado de forma bem eloquente pelo parceiro de Marx, Engels.³ Das conversas entre o feminismo marxista e o feminismo radical surgiu outra abordagem chamada de "teoria de sistema misto".⁴ Um produto do que seria chamado de feminismo socialista, a teoria do sistema misto argumentou que feministas tinham que desenvolver "uma base teórica que dê tanto peso ao patriarcado quanto ao capitalismo".⁵ Embora essa abordagem tenha ajudado muito a resolver algumas das disputas sobre qual luta deveria ter "primazia" (a luta contra o capitalismo ou contra o patriarcado), ela ainda deixa muito a desejar.

Feministas negras, por exemplo, argumentaram que essa perspectiva ignorou uma análise estrutural da raça.⁶ Além disso, onde estava a opressão baseada na sexualidade, habilidade, idade etc. nessa análise? Seriam todas essas reduzíveis ao patriarcado capitalista? E mais importante, para o propósito desse capítulo, onde estavam as experiências de pessoas trans - especialmente de mulheres trans? Dada essa lacuna histórica, o feminismo necessitava de um feminismo especificamente trans. O transfeminismo se desenvolveu a partir do trabalho que veio do movimento feminista multirracial e, especialmente, a partir do trabalho de feministas negras.

Quando confrontado com alegações de racismo, classicismo ou homofobia, o movimento das mulheres muitas vezes tratou essas questões como divisivas ou "secundárias" (como explicado na narrativa acima). As vozes mais proeminentes promoveram (e muitas vezes ainda promovem) a ideia de uma "experiência universal de mulheridade" que promoveria um sentido de sororidade ao ser baseada no que há de comum entre mulheres. Na prática, isso

significou podar o sentido de "mulher" e tentar fazer com que todas caibam dentro de uma forma que reflete a demografia dominante do movimento das mulheres: brancas, afluentes, heterossexuais e não-PCD. Esse "policiamento" da identidade, consciente ou não, reforça sistemas de exploração e opressão. Quando as mulheres que não se enquadram nessa ideia questionaram ela, elas foram frequentemente acusadas de estarem causando divisões e de serem traidoras da sororidade. A hierarquia da mulheridade que surgiu no movimento das mulheres reflete de diversas formas a cultura dominante do racismo, capitalismo e heteronormatividade.⁷

Refletindo essa história, mobilizações feministas mainstream frequentemente procuraram encontrar fundamentos comuns compartilhados pelas mulheres e se focaram no que ativistas mais vocais decidiram que eram "questões das mulheres" - como se a experiência das mulheres existisse em um vácuo separado de outras formas de opressão e exploração. Mas quando nós usamos uma abordagem interseccional como a usada pelo feminismo multirracial e o transfeminismo para analisar e organizar para combater diferentes formas de opressão e exploração, nós podemos conversar sobre essas diferenças ao invés de ignorá-las.⁸ O movimento feminista multirracial desenvolveu essa abordagem, que argumenta que não dá para abordarmos a posição das mulheres sem abordar também a sua classe, raça, sexualidade, habilidade e outros aspectos de suas identidades e experiências.

Forças de opressão e exploração não existem de forma separada. Elas estão intimamente relacionadas e reforçam umas às outras. Tentativas de lidar com elas individualmente (ex: machismo separado do racismo, capitalismo, etc.) não nos fornecem uma compreensão mais clara do sistema patriarcal. Isso está também de acordo com a visão anarquista de que nós devemos enfrentar todas as formas de hierarquia, opressão e exploração simultaneamente; a abolição do capitalismo e do estado não nos garante que a supremacia branca e o capitalismo irão magicamente desaparecer.⁹

Ligada à noção de uma "experiência de mulheridade universal" está a ideia de que se uma mulher se cercar com aquelas que incorporam essa mulher "universal" ela estará segura da opressão e do patriarcado. A ideia de "espaços seguros para mulheres" (apenas para mulheres) datam do início do movimento feminista lésbico, que era composto primariamente por mulheres brancas afluentes que priorizavam o machismo acima de outras formas de opressão. Essa noção de que espaços compostos apenas por mulheres seriam inerentemente

seguros não apenas ignora a violência íntima que pode ocorrer entre mulheres, mas também ignora ou dá pouca prioridade para outros tipos de violência que as mulheres podem experimentar - racismo, pobreza, encarceramento e outras formas de brutalidade econômicas, sociais e estatais.¹⁰

Escrito após e inspirado pelo trabalho de transfeministas pioneiras como Sandy Stone, Sylvia Rivera e o Street Transvestite Action Revolutionaries (STAR) de Rivera, o Manifesto Transfeminista afirma: "O Transfeminismo acredita que nós construímos as nossas identidades de gênero baseadas no que parece genuíno, confortável e sincero para nós e nós vivemos e nos relacionamos com os outros dentro dos limites sociais e culturais".¹¹ A noção de que o gênero é uma construção social é um conceito chave para o transfeminismo, e é essencial para uma abordagem feminista anarquista. O transfeminismo também questiona a ideia de uma "experiência feminina universal" e argumenta contra a visão baseada no essencialismo biológico de que o gênero de uma pessoa é definido pelas suas genitais.

Outros feminismos abraçaram esse argumento essencialista, enxergando a ideia de "união entre as mulheres" como construída em uma similaridade, algum tipo de "mulheridade" essencial. Essa definição de mulher é geralmente dependente daquilo que está entre as pernas de alguém. Mas o que especificamente da definição de uma mulher é intrínseco a um par de cromossomos X? Se a mulheridade é definida pelo porte de um útero, isso significa que mulheres que passaram por uma histerectomia são menos mulheres de alguma forma? Isso parece ser antitético ao feminismo.

Papéis de gênero têm sido analisados há tempos em comunidades radicais. A ideia de que mulheres nascem para serem mães, são mais sensíveis e pacíficas e tem predisposição ao uso da cor rosa e todos os outros estereótipos por aí são socialmente construídos, e não biológicos.

Se os papéis de gênero repressivos não definem o que é uma mulher é, e se um médico marcando "M" em um certificado de gênero também não define o gênero¹², então o próximo passo lógico é deduzir que o gênero só pode ser definido pelas próprias pessoas - ou talvez nós precisemos de tantos gêneros quanto pessoas, ou ainda além, talvez o gênero deva ser abolido. Embora essas ideias possam causar pânico para alguns, isso não torna elas menos legítimas

em relação às identidades das pessoas ou suas experiências, ou aos tipos de projetos políticos difíceis que podem estar à nossa frente.

Tentativas de simplificar questões complexas ou lutar para manter um apego ao gênero como ele nos foi ensinado não nos ajudam a entender o patriarcado e como ele funciona. Ao invés disso, elas são um desserviço ao feminismo revolucionário. Tendo encontrado uma falta de compreensão sobre questões trans em círculos radicais, acredito que seja importante notar que nem todas as pessoas trans escolhem fazer mudanças corporais como parte de sua transição, e a decisão de uma pessoa trans de fazer isso ou não cabe apenas a elas.

A decisão é altamente pessoal e geralmente irrelevante para noções teóricas de gênero. Há muitas razões para mudar o corpo fisicamente, desde fazer um corte de cabelo até tomar hormônios. Uma razão pode ser se sentir mais à vontade em um mundo com definições estritas do que é ser homem e mulher. Outra é se olhar no espelho e se ver por fora como (a compreensão convencional do) o gênero que você se sente por dentro. Para alguns, de fato, há a crença de que o gênero é definido pela construção física de uma genitália. Muitas vezes, porém, radicais que não têm familiaridade com a política e as ideias trans reagem fortemente às escolhas individuais de pessoas sobre os seus corpos - sem perceber do que se trata. Ao invés disso, recorrem à especulação sobre as motivações para as decisões pessoais de pessoas trans (como que essas não fossem vastas e variadas). É mais produtivo notar o desafio à ideia de que a biologia é o destino.¹³ Certamente, todes iriam se beneficiar da quebra do binário de gênero e da desconstrução de papéis de gênero - esse é o trabalho de revolucionários, sem se preocupar com o que os outros "devem" ou "não devem" fazer com seus corpos.

Até agora, teorias de gênero e feministas que incluem experiências trans existem na maior parte no meio acadêmico. Há poucos intelectuais da classe trabalhadora no campo, e a linguagem acadêmica usada não é muito acessível para a maior parte das pessoas.¹⁴ Isso é uma pena, já que as questões abordadas pelo transfeminismo afetam todes. O capitalismo, o estado, o patriarcado e o campo médico mediam as formas que todes experienciamos o gênero. Há uma quantidade significativa de coerção aplicada por essas instituições para policiar as experiências humanas, o que se aplica a todas as pessoas, trans e não trans (alguns preferem o termo "cis").

O capitalismo e o estado desempenham um papel direto nas experiências de pessoas trans. Acesso a hormônios e cirurgia, se isso for desejado, custam uma quantia significativa de

dinheiro, e muitas pessoas se aproveitam de brechas na burocracia para acessar essas coisas. Pessoas trans têm uma chance desproporcional de serem pobres. Apesar disso, embora hajam discussões sobre classe nos meios radicais transfeministas e queers, elas são muitas vezes expressas em termos de identidade — argumentando por uma política "anti-classista," mas não necessariamente anticapitalista.¹⁵

Os conceitos mobilizados pelo transfeminismo nos ajudam a entender o gênero, mas há uma necessidade da teoria de sair do meio acadêmico e desenvolver uma práxis na classe trabalhadora e nos movimentos sociais de maneira geral. Isso não significa que não há exemplos de mobilizações transfeministas, mas é preciso haver uma incorporação de princípios transfeministas em movimentos mais amplos. Mesmo movimentos gays e lésbicos tem um histórico de deixar para trás as pessoas trans - como na luta pela lei contra discriminação no emprego, que não protege a identidade de gênero. Novamente, nós vemos uma hierarquia de importância; o movimento gay e lésbico mainstream frequentemente faz acordos (abandonando pessoas trans), ao invés de adotar uma estratégia inclusiva para a libertação.

Muitas vezes há uma sensação de "escassez de libertação" dentro de movimentos sociais reformistas, a sensação de que as possibilidades de liberdade são tão limitadas que nós devemos lutar contra outros grupos marginalizados por um pedaço do bolo. Isso se opõe diretamente ao conceito de interseccionalidade, já que requer que as pessoas traíam um aspecto de sua identidade para priorizar politicamente outro aspecto. Como pode se esperar de uma pessoa que ela se engaje na luta contra a opressão de gênero se ela ignora ou contribui para a sua opressão racial? Onde que um aspecto de sua identidade e experiências termina e outro começa? O anarquismo oferece uma possível sociedade em que a libertação não é escassa. Ele oferece uma perspectiva na natureza do processo da transformação social revolucionária (como, por ex, a insistência de que os meios devem ser consistentes com os fins e as questões econômicas são críticas, mas não a única fonte das relações de poder hierárquicas) que pode ser extremamente valiosa para a emancipação das mulheres.¹⁶⁹

Anarquistas precisam desenvolver teorias da classe trabalhadora que levem em conta sua diversidade. O movimento anarquista pode se beneficiar da elaboração de uma abordagem anarquista e trabalhadora para questões de gênero que incorporem lições do transfeminismo e da interseccionalidade. Não se trata de pedir a anarquistas que eles se envolvam no movimento transfeminista, e sim que fazer como as Mujeres Libres e integrar princípios do

(trans)feminismo nas lutas da classe trabalhadora e movimentos sociais. Para continuar a desenvolver teorias anarquistas de gênero enraizadas na classe trabalhadora precisamos de um conhecimento real e integrado do transfeminismo.

1- Ver e.g., Aili Mari Tripp, "The Evolution of Transnational Feminisms: Consensus, Conflict, and New Dynamics", em *Global Feminism: Transnational Women's Activism, Organizing, and Human Rights*, editado por Myra Marx e Aili Mari Tripp (New York City: New York University Press, 2006), 51-75.

2- Ver especialmente Shulamith Firestone, *The Dialectic of Sex: The Case for Feminist Revolution* (New York: Morrow, 1970).

3- Friedrich Engels, *The Origin of the Family Private Property and the State*, <http://www.marxists.org/archive/marx/works/1884/origin-family/>

4- See e.g., Heidi Hartmann, "The Unhappy Marriage of Marxism and Feminism: Towards a More Progressive Union," em *Women and Revolution*, editado por Lydia Sargent (Boston: South End Press, 1981); Iris Young, "Beyond the Unhappy Marriage: A Critique of the Dual Systems Theory," em *Women and Revolution*, editado por Lydia Sargent (Boston: South End Press, 1981).

5- Iris Young, "Beyond the Unhappy Marriage", 44.

6- Ver Gloria Joseph, "The Incompatible Menage à Trois: Marxism, Feminism, and Racism," in *Women and Revolution*, editado por Lydia Sargent (Boston: South End Press, 1981).

7- Ibid.

8- Para uma perspectiva anarquista sobre a interseccionalidade, veja J. Rogue and DericShannon, "Refusing to Wait: Anarchism and Intersectionality," http://theanarchistlibrary.org/HTML/Deric_Shannon_and_J_Rogue_Refusing_to_Wai

t Anarchism_and_Intersectionali.

9- Ibid.

10- Ver especialmente os debates sobre o Michigan Women's Music Festival nessa edição.

11- Emi Koyama, "The Transfeminist Manifesto," <http://eminism.org/readings/pdf-rag/tfmanifesto.pdf>.

12- Levando em conta o movimento intersexo, nós precisamos analisar a construção social do sexo biológico também.

13- Ver Kate Bornstein, My Gender Workbook (New York and London: Routledge, 1998).

14- Para alguns exemplos notáveis, veja o trabalho de Mattilda Bernstein Sycamore, Leslie Feinberg, e Riki Ann Wilchins entre outros.

15- Embora isso certamente não seja uma tendência monolítica, já que muitos queers desordeiros querem de fato acabar com o capitalismo e reivindicam isso de forma explícita.

16- Ver "Lessons from the Free Women of Spain" - Geert Dhondt interviews Martha Ackelsberg in Up the Ante!